



Projetos de Interpretação do Espaço Urbano e as Possibilidades de Leituras da Cidade

Pedro Rubens Vargas

Licenciatura e Bacharelado em História pela UFRGS, Especialista em Patrimônio Cultural em Centros Urbanos pela UFRGS e Especialista em Museologia pela PUCRS. Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo PROPUR/UFRGS.

Resumo

Esse texto trata de apresentação do Projeto de Interpretação do Centro Histórico de Porto Alegre e do Museu de Percurso do Negro desenvolvidos pelo Programa Monumenta – Porto Alegre. A mesma fez parte de grade de intervenções do Curso Leituras da Cidade: Porto Alegre e seu Patrimônio que ocorreu de agosto de 2007 a junho de 2008. A sessão aborda o que vem a ser projetos de interpretação, depois apresenta os dois projetos em questão e por último discute a oportunidade conferida a estes projetos de se constituírem enquanto processos educativos, qualificando o olhar de moradores e visitantes para o patrimônio cultural da cidade.

Introdução

As cidades têm história. Isto todos sabemos. Para tanto, basta vasculhar cadernos, livros didáticos, romances e novelas cujo enredo trata de alguma rua conhecida ou personagem que motivou a estátua do centro da praça. Se nosso instinto e sagacidade permitir, nos debruçamos nos arquivos e museus, ou com mais conforto, vemos com atenção os noticiários nos mais variados tipos de mídia.

Na maioria das vezes, no entanto, a cidade é para nós sinônimos de presente. È o espaço vivido, onde exercemos nosso viver cotidiano. Quando a cidade é associada ao passado, em geral é pensada como espaço musealizado, ou cidades-museu, como por exemplo, Ouro Preto em Minas Gerais e Antonio Prado do Rio Grande do Sul, pra ficarmos nos exemplos brasileiros. A representação que fazemos dessas localidades é a de que possuem um desenho urbano e uma arquitetura cristalizada no tempo.

Mas a princípio, qualquer municipalidade poderia ser encarada como um grande museu a céu aberto: um espaço – a paisagem e seus habitantes e os objetos: ruas, praças, edifícios, monumentos. Porém, não a vemos nessa perspectiva pelo fato de que visitar museus exige mobilização de nossas expectativas, vamos preparados pra aprender, e para aguçar nossa sensibilidade. Os museus se mostram uma experiência extraordinária, enquanto viver a cidade é coisa do dia-a-dia, está inserido na ordem do ordinário.

Mais ainda, os museus são espaços orientados, possuem um circuito de visitação ordenado, os objetos expostos possuem etiquetas informativas, são colocados em lugares e posições estratégicas, são arranjados de forma a comporem um discurso, são enfim lugares de aprendizagem, de confrontação de idéias, com a capacidade de erguer uma ponte entre a angústia e a inquietação organizada.

Voltando ao argumento inicial de que as cidades têm história, por suposição podemos pensar que o ponto onde as mesmas se originaram se deu em relação à paisagem, na maioria dos casos, em razão do aproveitamento dos recursos do meio ambiente para fins estratégicos, militares ou econômicos, o desenho das primeiras ruas, em muitas das cidades brasileiras acabavam em muralhas de proteção que não existem por não terem mais sentido; praças, e espaços públicos já tiveram outras funções e assim por diante. O espaço é dinâmico e o desenho urbano, e a arquitetura vão se modificando, bem como os usos e a ocupação dos espaços pelos grupos sociais que habitam a urbe.

Compreender a dimensão urbana como um bem cultural¹, onde prédios, espaços públicos, a organização espacial de ruas, avenidas e monumentos como artefatos organizados na paisagem, nos leva a pensar na potencialidade das cidades serem exploradas, tal qual museus, como lugares de aprendizagem.

Esta tal potencialidade, no entanto, foi descoberto primeiro nos parques florestais norte-americanos na década de 1950², por meio dos projetos pioneiros de interpretação do espaço. Tratava-se de circuitos de orientação destacando informações sobre a flora e a fauna, a ordenação das trilhas de acesso, em que o objetivo era educar ao mesmo tempo em que conquistar adeptos para a necessidade de preservação desses locais.

A idéia de interpretação do espaço evoluiu rapidamente para o mundo urbano, com a primeira preocupação de informar o turista ou visitante, que a partir do estranhamento relacionado ao seu local de origem, nutria necessidade de informações sobre o sítio que visitava.

As primeiras cidades a contarem com esse aparato foram às tidas como históricas em razão da riqueza informativa que possuem e do interesse que despertam nos visitantes.

Nas décadas de setenta e oitenta do século passado esse conceito começa a ser implementado de forma tímida no Brasil. As cidades que possuem um patrimônio histórico significativo começam a mostrar placas de rua com um design que acompanhava a antiguidade das edificações, outras placas informam que tal residência ou edifício público foi moradia de algum personagem importante ou local de ato marcante para a história do país.

Hoje os projetos de interpretação podem ganhar uma importância estratégica no planejamento urbano e nos projetos de qualificação de centros urbanos e requalificação de sítios históricos. Além da importância de oferecer roteiros orientados a turistas, estes projetos podem ser direcionados para a conquista da auto-estima de grupos sociais que foram marginalizados ao longo do processo histórico da sociedade, como negros, índios, trabalhadores, mulheres e outros, através de mecanismos de divulgação de sua história e visão de mundo; e ainda podem contribuir para o conhecimento das dinâmicas de mudanças

¹ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *A cidade como bem cultural – Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano*, páginas 35 e 36. IN: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marise Campos de; BASTOS, Rossano Lopes; GALLO, Haroldo (Orgs.). *Patrimônio: Atualizando o debate*. São Paulo, 9ª SR / IPHAN, 2006.

² MURTA, Stella M; GOODEY, Brian. *Interpretação do patrimônio para o turismo sustentado: um guia* Belo Horizonte: SEBRAE, 1995.

no ambiente social e patrimonial da cidade, com isso fortalecendo o vínculo dos cidadãos com sua localidade.

A interpretação utiliza mídias diversas para os seus propósitos como placas de sinalização e orientação, *folders*, *busdoor* (impressões em ônibus), iluminação cênica de edificações e espaços públicos e outros. Mas o mais importante talvez seja a capacidade de articular, atrair e projetar atividades diversas como, por exemplo, apoio a cursos sobre qualificação patrimonial voltado para áreas do patrimônio cultural, além de outros que se preocupem com a identificação de personagens que marcam a memória dos habitantes e assim por diante. O importante é a qualificação do olhar desse público para a memória de sua municipalidade. Programas na área de turismo também podem ser vinculados aos projetos de interpretação. Porto Alegre, hoje conta com vários roteiros a pé, inclusive um voltado para aspectos simbólicos como o que valoriza as lendas urbanas.

A propriedade de orientação e estabelecimentos de roteiros (sinalização histórica, cursos, rotas turísticas) organizados com o propósito de educar para conhecer a cidade, põe os projetos de interpretação como desejáveis e por que não dizer fundamentais para o desenvolvimento de atividades de geração de renda, estímulo à atividade de economia da cultura e de preservação do patrimônio municipal local por via do conhecimento e apropriação da história do sítio por seus habitantes, que por meio desses projetos tornam-se interlocutores de sua cidade para com os visitantes tornando o ato de viver a cidade um acontecimento extraordinário.

O Plano de Interpretação para o Centro Histórico de Porto Alegre

De forma objetiva, podemos dizer que o Plano de Interpretação almeja divulgar para a população da cidade e para os visitantes aspectos da história e da cultura que dão identidade e significado ao espaço urbano.

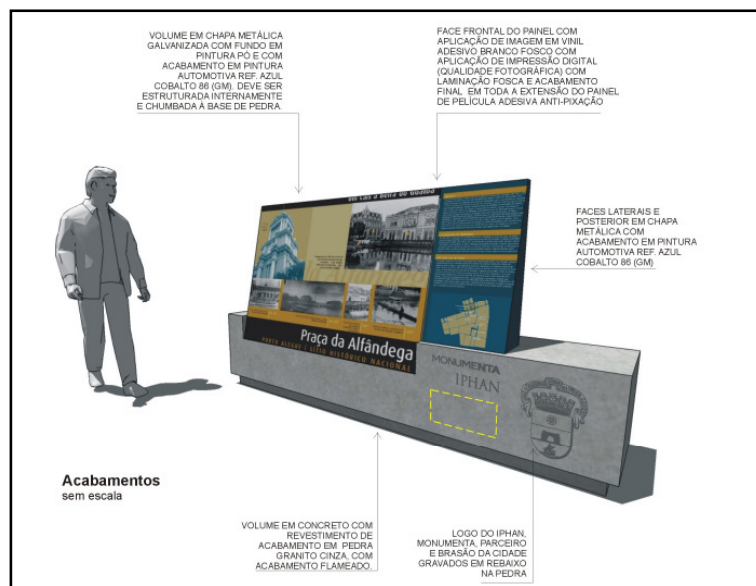
Como foi assinalado anteriormente um Plano de Interpretação ³é um conjunto de ações (cursos, projetos, ações educativas) que tem como um de seus objetivos democratizar o acesso às informações históricas sobre o passado da cidade contribuindo para apropriação

³ Ver mais sobre o conceito In: POSSAMAI, Zita Rosane. *A escrita da cidade: o projeto de interpretação do Centro Histórico de Porto Alegre* (Especial Programa Monumenta – parte II). IN: PORTO & VÍRGULA – Cultura e Idéias. (Publicação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre / Secretaria Municipal de Cultura). Nº 53 (Abril/Maio/Junho). Porto Alegre: Unidade Editorial, 2004.

do patrimônio ali localizado, estimulando a reflexão por parte dos moradores e visitantes sobre as mudanças que aconteceram no espaço urbano no decorrer do tempo.⁴

Neste texto, porém, trataremos apenas do projeto de sinalização do Plano de Interpretação.

A divulgação dos aspectos históricos será feita de duas maneiras: painéis instalados em dez (10) pontos escolhidos na área de abrangência do Programa Monumenta, contendo imagens, textos, desenhos, plantas e gráficos; por seiscentas (600) placas de rua mostrando a atual e a antiga denominação; por placas de divulgação e identificação de prédios históricos; pela iluminação cênica de alguns destes prédios; por um concurso nacional para erguer um conjunto escultórico na área entre as ruas General Câmara (Rua da Ladeira) e Andradas (Rua da Praia), local conhecido como Largo dos Medeiros. O Plano de Interpretação permitirá ao leitor perceber a evolução daquele espaço ao longo do tempo.



Exemplo de Painel do Projeto Interpretativo

Este projeto de sinalização dá ao leitor um papel ativo na percepção das mudanças e das transformações do espaço urbano. A colocação dos painéis foi pensada de forma a que as

⁴ Sobre evolução urbana dos espaços públicos ver XAVIER, Luís Merino de F. *Restauração urbanística das praças da Alfândega e Matriz*. (Especial Programa Monumenta – parte III). IN: PORTO & VÍRGULA – Cultura e Idéias. (Publicação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre / Secretaria Municipal de Cultura). Nº 54 (Julho/Agosto/Setembro). Porto Alegre: Unidade Editorial, 2004.

imagens do tempo passado neles contidas estejam nos mesmos ângulos de visão dos leitores. Com este artifício o leitor passa a ser um personagem que vê a paisagem no tempo presente na mesma visada de quem colheu as imagens daquele lugar no passado.



Modelo de placa de rua

O critério de localização dos painéis seguiu aos eixos vertical – Cais do Porto/Praça da Alfândega e ao eixo longitudinal – Rua da Praia, os mesmos que são marcos balizadores da área de atuação do Programa Monumenta em Porto Alegre, chamada estratégia dos eixos.



Painel Interpretativo

Neste perímetro os temas a serem abordados são⁵:

⁵ Transcrição da página 44 do texto: POSSAMAI, Zita Rosane. *A escrita da cidade: o projeto de interpretação do Centro Histórico de Porto Alegre* (Especial Programa Monumenta – parte II).

1. Praça da Alfândega: subdividida em três pontos:

Visual da Avenida Sepúlveda: compreenderá informações sobre a evolução urbana da Praça da Alfândega e sua utilização pelos porto-alegrenses ao longo do tempo;

Escadaria do antigo Cais do Porto: Em frente ao MARGS (Museu de Arte do Rio Grande do Sul) onde estão soterradas as estruturas (muro e escadarias) do Cais do Porto construídas entre 1856 e 1858 e que foram escavadas para investigação arqueológica. No momento estuda-se uma solução técnica para que seja possível deixar à mostra parte desta estrutura.

Sítio Arqueológico Pré-Histórico: informações sobre as primeiras ocupações daquela área, desde a ocupação indígena relacionada aos grupos ceramistas até a ocupação açoriana.

2. Largo dos Medeiros: confluência da Rua dos Andradas com General Câmara, foi importante espaço de sociabilidade na primeira metade do século XX:

Rua General Câmara: informações sobre a trajetória da via que liga a Cidade Baixa (Porto - Praça da Alfândega) à Cidade Alta (Praça da Matriz).

3. Praça da Matriz: informações sobre a evolução urbana da Praça que manteve a função cívico-religiosa ao longo do tempo

Rua Dom Sebastião: Via pública aberta no século XVIII, entre a Catedral Metropolitana e o Palácio Piratini, e que foi excluída da circulação viária.

Rua Caldas Júnior: Trajetória histórica e urbanística da via e do Centro Histórico no seu todo. Destaque para o Plano Moreira Maciel de 1914 e as reformas urbanísticas realizadas na década de 1920.

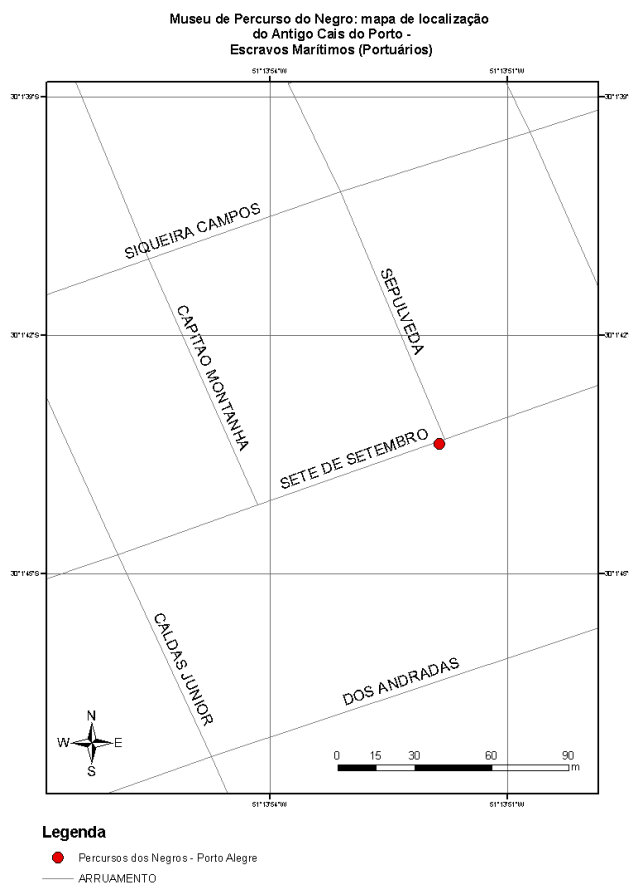
Pelourinho: largo que mudou sua função ao longo do tempo, tendo sido ponto de comércio e também local onde eram impingidos castigos físicos aos escravos.

Museu de Percurso do Negro em Porto Alegre

O Museu de Percurso do Negro também trata de um projeto de interpretação. Diferente do perfil do projeto acima apresentado, o Museu se preocupa com a memória de um grupo étnico específico, onde o mesmo dirige o processo de seleção e sinalização de sua história.

Este projeto tem uma vertente política, sendo na prática encarada pela comunidade negra como um braço de políticas públicas de reparação no segmento cultural.

O Museu de Percurso do Negro vem se desenvolvendo a partir das reivindicações da comunidade negra em Porto Alegre onde sua falta de representatividade no patrimônio cultural remete à invisibilidade social desta parcela da população que não possui forças para representar, classificar e atribuir sentidos à realidade.



Mapa de localização do Antigo Cais do Porto
(Museu do Percurso)

A proposta do projeto é estabelecer, no centro histórico da cidade, visualização e fruição de espaços e prédios marcantes para a etnia negra, do ponto de vista da memória, da identidade e da cidadania, através de marcos físicos e percursos, ambos produzidos e monitorados por integrantes dessa comunidade.

Já foram realizadas duas etapas na implementação do projeto, quais sejam, a de identificação, por meio de pesquisa antropológica, dos locais a serem consagrados dentro do percurso urbano e a proposta museológica de implantação do museu.

Essa implementação prevê as seguintes etapas:

Capacitação de artistas populares e formação de monitores;

Documentação do projeto, confecção de material didático e publicações de apoio e divulgação.

Implementação de quatro (04) marcos físicos confeccionados por artistas negros

A implementação desse Museu é essencial, por um lado, para suprir a lacuna deixada pela falta de representatividade da etnia negra no patrimônio da cidade e, por outro, para garantir a diversidade de olhares e de técnicas na configuração dos monumentos públicos do centro histórico de Porto Alegre.

Por outro lado, a presença negra nas ruas de Porto Alegre possui uma relação de socialidades ligadas aos percursos que estes negros faziam pelas ruas e regiões da cidade.

Nos séculos XVIII e XIX era comum que os negros exercessem relações de comunicação e prática de sua cultura próximos às fontes de água. Em razão de ser parte de suas funções o abastecimento de água potável das residências.

O Largo ou Praça da Quitanda, onde hoje se localiza a Praça da Alfândega era também um ponto de encontro, em especial de escravos de ganho. Havia circuitos ligados a casas de batuque, como o do candombe da mãe Rita, e em regiões no Largo do Paraíso, próximo da localização do Mercado Público. Este prédio é onde ainda ocorre o ritual de consagração à Bará, conhecido como Tradição Bará do Mercado.



Coleta de esmolas na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (Rio Grande do Sul)

Jean Baptiste Debret

Outro percurso tradicional eram as procissões negras originadas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e o percurso que se fazia da Santa Casa de Misericórdia ao Largo da Forca, na região da Igreja das Dores quando das sessões de enforcamento de condenados, em que maioria foram negros.

Esta tradição de destacar percursos no centro continuou no século XX, com roteiros ligados ao carnaval quando o mesmo era no centro da cidade. As décadas de 1970 e 80 assistiram à peregrinação de negros até a esquina democrática no cruzamento das ruas da Praia e Borges de Medeiros, local onde foi planejado o dia de homenagens a Zumbi dos Palmares que mais tarde originou o dia nacional da consciência negra.

O Projeto, sendo importante destacar, é gerido por um conselho gestor com assento de entidades do movimento negro e de seis secretarias do município.

Os pontos destacados para receberem os marcos representativos da cultura negra baseados em pesquisa são os que seguem⁶:

- **LARGO DA QUITANDA** - Praça da Alfândega, em frente ao atual Clube do Comércio, na rua dos Andradas, antiga rua Praia, espaço respectivo à antiga Alfândega, que foi demolida, entre a rua dos Andradas e a antiga Praça do Comércio, junto à antiga área do ancoradouro e trapiches antigos, recém redescobertos por meio de atividade arqueológica – território público das negras quitandeiras, comerciantes; negras e negros como escravos domésticos; negros e negras que trabalhavam como escravos de aluguel ou de ganho; negros trabalhadores como embarcados, no antigo cais do porto, junto à rua da Praia e cuja

⁶ BITTENCOURT, Iosvadyr. *Relatório Técnico Antropológico para o Museu do Percurso*. Programa Monumenta Porto Alegre/RS. Porto Alegre, 2007.

área, atualmente, está aterrada. Havia a presença de negros aguadeiros, boleiros, acendedores de lampião, carregadores de volumes, cabungos ou tigres, carpinteiros, pintores, pedreiros, cozinheiros e outros. Espaços sociais de afirmação da cultura e solidariedade negras.



Negra tatuada vendendo caju – Jean Baptiste Debret, 1827.
Museus Castro Maya – IPHAN/MinC – Rio de Janeiro.

- **PELOURINHO** - Em frente à Igreja Nossa Senhora das Dores, na rua dos Andradas, antiga rua da Praia. Era local de suplício, de tortura, e de injustiça para com muitos africanos e seus descendentes escravizados.

- **LARGO DA FORÇA** - Praça Brigadeiro Sampaio, antiga Praça da Harmonia, próximo à antiga Praia do Arsenal. Local onde muitos negros africanos e seus descendentes foram condenados à pena de morte, por meio do enforcamento. Muitos deles foram injustamente mortos ou “assassinados”, por conta de acusações injustas ou levianas.

- **CAIS E DOCAS DO ANCORADOURO E TRAPICHE ANTIGOS** - Praça da Alfândega, entre antiga Alfândega em frente ao atual Clube do Comércio (rua dos Andradas) e a antiga Praça do Comércio, junto ao ancoradouro antigo, que ficava em frente ao atual Memorial do Estado do Rio Grande do Sul – espaço de atuação dos escravos marítimos, trabalhadores do comércio fluvial, que monopolizava a economia da época. A rede de solidariedade entre estes escravos permitiu a consolidação das rotas de fuga dos negros africanos e de seus descendentes, seja em direção da capital para o interior ou deste

para a capital. A firme unidade e solidariedade entre estes negros possibilitaram a preservação dos sujeitos sociais e históricos, portanto, da própria memória e cultura africanas.

• **ESQUINA DEMOCRÁTICA – A ESQUINA DO ZAIRE** - Esquina entre a rua dos Andradas, a rua da Praia, e a avenida Borges de Medeiros, antiga rua do Poço. É o espaço de afirmação da cultura afro-brasileira, por meio do universo social e simbólico dos negros gaúchos afros-descendentes. Espaço de reivindicação dos direitos civis e sociais; e de conquistas de interesse da comunidade negra brasileira. É, também, espaço de luta e de expansão estética e lúdica dos negros gaúchos. É a Esquina do Zaire, a Esquina Democrática, onde foram evocados a data nacional do Dia da Consciência Negra, alusiva ao seu herói e mártir pelo direito dos negros à liberdade e a terra, atualmente personagem emblemática para os negros, no que diz respeito ao direito à dignidade e à cidadania.

CONCLUSÕES

Os dois trabalhos apresentados apresentam perfis diferentes, mas ao mesmo tempo complementares em termos de implantação de projetos de interpretação.

O importante é que estes projetos podem ser inseridos na perspectiva museológica de serem pensados como elemento mediador (por meio da qualificação do olhar) entre a cidade - aqui considerada como artefato (prédios, ruas, desenho urbano) e paisagem cultural(o meio ambiente e as práticas culturais da população) - e os seus habitantes e visitantes.

A cidade na perspectiva acima pode ser vista como um lugar informado⁷, onde os moradores e visitantes são transformados por meio da informação que recebem, ao mesmo tempo em que transformam o espaço, dando novas significações ao seu habitat.

Este ponto de vista parte do princípio de que estes programas de interpretação são parte de um processo educativo para a cidadania, qualificando os cidadãos, pelo viés do conhecimento das transformações urbanas e do papel desempenhado pelos grupos sociais no patrimônio cultural da cidade, para intervirem nos rumos do seu território.

⁷Interpretação de Marcelo Araújo para o pensamento de Waldisa Russo In: Araújo, Marcelo M. Comunicação Museológica: desafios e perspectivas. Seminários de Capacitação Museológica. P.304 a 314. Anais.Instituto Cultural Flávio Gutierrez, 2004; Belo Horizonte.

Leituras Complementares:

Para saber mais sobre o conceito de Plano ou Projeto de Interpretação para Porto Alegre, ler:

POSSAMAI, Zita Rosane. *A escrita da cidade: o projeto de interpretação do Centro Histórico de Porto Alegre* (Especial Programa Monumenta – parte II). IN: PORTO & VÍRGULA – Cultura e Idéias. (Publicação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre / Secretaria Municipal de Cultura). Nº 53 (Abril/Maio/Junho). Porto Alegre: Unidade Editorial, 2004.

Para saber mais sobre evolução urbana dos espaços públicos de Porto Alegre, ler:

XAVIER, Luís Merino de F. *Restauração urbanística das praças da Alfândega e Matriz*. (Especial Programa Monumenta – parte III). IN: PORTO & VÍRGULA – Cultura e Idéias. (Publicação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre / Secretaria Municipal de Cultura). Nº 54 (Julho/Agosto/Setembro). Porto Alegre: Unidade Editorial, 2004.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Marcelo Mattos. Comunicação museológica: desafios e perspectivas, p. 304 a 314. In: Seminários de Capacitação Museológica. Anais. Instituto cultural Flávio Gutierrez, 2004, 452 p. Belo Horizonte

BITTENCOURT, Iosvadyr. *Relatório Técnico Antropológico para o Museu do Percurso*. Programa Monumenta Porto Alegre/RS. Porto Alegre, 2007.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. *A cidade como bem cultural – Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano*. IN: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marise Campos de; BASTOS, Rossano Lopes; GALLO, Haroldo (Orgs.). *Patrimônio: Atualizando o debate*. São Paulo, 9ª SR / IPHAN, 2006.